

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
COMITÊ DEFICIÊNCIA E ACESSIBILIDADE - CODEA

RELATÓRIO DE ATIVIDADES DA GESTÃO 2019-2020

Composição

Coordenadora: Anahi Guedes de Mello (UFSC)
Adriana Abreu Magalhães Dias (Unicamp)
Carolina Branco de Castro Ferreira (Unicamp)
Clarice Rios (IMS/UERJ)
Debora Diniz (UnB)
Fagner Carniel (UEL)
Helena Moura Fietz (UFRGS)
Julian Simões Cruz de Oliveira (INSPER)
Kamilla Sastre da Costa (UFPA)
Luciana Campelo de Lira (UFPE)
Olivia von der Weid (UFF)
Pedro Lopes (USP)
Silvana Sobreira de Matos (UFPE)
Valéria Aydos (UFRGS)

Introdução

O Comitê Deficiência e Acessibilidade foi criado para visibilizar não só as questões e demandas relacionadas à acessibilidade em todas as suas dimensões (arquitetônicas, comunicacionais, instrumentais e metodológicas) em seu principal evento, as Reuniões Brasileiras de Antropologia, como também para atuar na defesa dos direitos difusos e coletivos das pessoas com deficiência. Sua criação e institucionalização, em março de 2012, no âmbito da Associação Brasileira de Antropologia, do Comitê Deficiência e Acessibilidade também foi o primeiro passo importante para a consolidação dos estudos antropológicos sobre a deficiência no Brasil. Sua primeira gestão (2011-2012) foi coordenada por Adriana Dias (Unicamp), tendo na equipe também Anahí Guedes de Mello (UFSC), Debora Diniz (UnB) e Luiz Gustavo P. de Souza Correia (UFS).

A quinta gestão (2019-2020) do Comitê Deficiência e Acessibilidade, sob a coordenação de Anahí Guedes de Mello (UFSC), teve início no momento da realização da XIII Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM 2019), ocorrida nas dependências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, entre os dias 22 a 25 de julho de 2019. Nesse evento membros desse Comitê esteve presente em peso, organizando e participação de uma série de atividades relacionadas à temática da deficiência, a saber:

- 1) Simpósio Especial “Militâncias Defiças: direitos das pessoas com deficiência em tempos de neoliberalismo” em 23/07, das 09h às 11h, sob a coordenação de Anahí Guedes de Mello. A atividade contou com a participação de Pablo André Flôres, Dienuza Costa e Rafael Giguer, todas elas pessoas com deficiência integrantes de diferentes setores dos movimentos locais de pessoas com deficiência. O objetivo foi debater as políticas de austeridade promovidas no campo da deficiência desde o governo Temer até o governo Bolsonaro. Local: Centro Cultural, sala Coqueiro.
- 2) Minicurso MC03 – “Antropologia e Deficiência: diálogos e interseccionalidades”, nos dias 24 e 25/07, das 09h às 11h, ministrado por Anahí Guedes de Mello, Helena Fietz e Pedro Lopes. Local: Centro Cultural, sala Coqueiro. Maiores informações em

<https://www.ram2019.sinteseeventos.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=172>.

- 3) Sob a coordenação de Helena Fietz ocorreu a Mostra *ReelAbilities* de filmes em 24/07, às 18h30min, com a exibição dos curtas “A Vida Tocando” (Brasil, 2016), de Marco Antônio Saretta Pogliã; e “Eu não quero voltar sozinho” (Brasil, 2010), de Daniel Ribeiro. Em seguida, houve debates com a professora Olivia von der Weid (UFF), o cineasta e antropólogo Marco Antônio Saretta Pogliã e o músico Nivaldo José.
- 4) Olivia von der Weid coordenou com Leonardo Carbonieri Campoy (PUC-PR) e Fabiola Heredia (Universidad Nacional de Córdoba) o GT 13 – “Antropologia das Anormalidades: práticas de subversão/resistência à normatização”, nos dias 23, 24 e 25, das 14h às 18h. Local: Centro Cultural, sala Coqueiro.
- 5) Olivia von der Weid e Anahí Guedes de Mello participaram de uma atividade de capacitação de monitores para o atendimento às pessoas com deficiência durante a XIII RAM.

Além das atividades da XIII RAM, durante o ano de 2019 membros desse Comitê contribuíram na publicação de textos em dois importantes dossiês temáticos relacionados à deficiência, publicados em periódicos do campo da Antropologia brasileira: o dossiê temático [“Deficiências, Gênero e Cuidado”](#), publicado na revista *AntHropológicas* como v. 29, n. 2 de 2018; e o dossiê temático [“Antropologias e Deficiências”](#), publicado na *Anuário Antropológico* como v. 44, n.1 de 2019.

Ainda, Fagner Carniel e Adriana Dias coordenaram o seminário temático ST 08 – “Deficiência e ocupação das políticas públicas”, durante o 43^a Encontro Anual da Anpocs, realizado entre os dias 21 e 25 de outubro de 2019 em Caxambu, Minas Gerais.

Já no ano 2020 houve forte atuação do Comitê na difusão de reflexões em torno da interface entre a pandemia da Covid-19, a deficiência e a acessibilidade em ambientes virtuais. Isso se deu na forma de publicações e na participação, a convite, de vários membros do Comitê em atividades virtuais organizadas por diferentes instâncias institucionais – um exemplo são as publicações de membros desse Comitê para o Boletim [“Cientistas Sociais e o Coronavírus”](#), em uma iniciativa da Associação

Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (gestão 2019-2020) envolvendo a parceria com várias associações científicas das ciências sociais brasileiras, entre elas a ABA, além da (re)publicação no site do *AntropoLÓGICAS Epidêmicas*, no boletim *Dis-críticas em trânsito: Boletín del Grupo de Trabajo Estudios críticos em discapacidad/CLACSO*, dentre outros:

- ✚ Helena Fietz e Anahí Guedes de Mello, com texto em coautoria com Claudia Fonseca, intitulado “Conexões íntimas e corporalidades singulares: deficiência em tempos de pandemia da Covid-19”, originalmente publicado em <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2387-boletim-n-61-cientistas-sociais-e-o-coronavirus> e republicado em <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/v8a1-conexões-íntimas-e-corporalidades-singulares-deficiência-em-tempos-de-pandemia-da-covid-19> e em <https://www.clacso.org/boletin-1-dis-criticas-en-transito/>;
- ✚ Anahí publicou em coautoria com Camila Alves o capítulo “Deficiência e isolamento social: comunicar-se com mascarados e tocar em pessoas e coisas em tempos de pandemia da Covid-19”, presente no livro “Histórias da Queerentena”, disponível para download em <https://jmcaste.blogspot.com/2020/11/descargar-historias-da-queerentena.html>;
- ✚ Valéria Aydos, com texto em coautoria com Bernardo Oliveira e Daniela Navarini, intitulado “O que a experiência do Covid-19 nos diz sobre deficiência, trabalho e acessibilidade?”, originalmente publicado em <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2395-boletim-n-67-cientistas-sociais-e-o-coronavirus> e republicado em <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/v8a13-o-que-a-experiência-do-covid-19-nos-diz-sobre-deficiência-trabalho-e-acessibilidade>;
- ✚ Carolina Branco Ferreira e Pedro Lopes publicaram o texto “Deficiências e adoecimento crônico: permanências e atualizações trazidas pelo

coronavírus”, originalmente disponível em <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2349-boletim-n-35-cientistas-sociais-e-o-coronavirus?idU=3> e republicado em <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/deficiências-e-adoecimento-crônico-permanências-e-atualizações-trazidas-pelo-coronavírus>. Carolina também colaborou para o dossiê “Reflexões na pandemia” da *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, com a publicação do texto “Covid-19 e deficiências: alguns aportes para um debate crítico”, disponível em <https://www.reflexpandemia.org/texto-78>;

✚ Silvana Sobreira de Matos publicou o texto “Unidos pelo contágio?”: novas precarizações das famílias que têm filhos com a Síndrome Congênita do Zika Vírus em tempos de pandemia da Covid-19”, originalmente disponível em <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2375-boletim-n-53-cientistas-sociais-e-o-coronavirus> e republicado em <https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/v7a4-unidos-pelo-contágio-novas-precarizações-das-famílias-que-têm-filhos-com-a-síndrome-cong>. Outro texto de Silvana, intitulado “Quando duas epidemias se encontram: a vida das mulheres que têm filhos com a Síndrome Congênita do Zika Vírus na pandemia da Covid-19”, em coautoria com Ana Cláudia Rodrigues, foi publicado na *Cadernos de Campo*, São Paulo, v.29, n. suplementar, p. 329-340, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/170360>;

✚ Luciana Lira publicou em coautoria com Ana Cláudia Rodrigues o texto “Questões sobre Antropologia e emergências em saúde: algumas palavras sobre a experiência do Zika Vírus e a pandemia da Covid-19”, disponível originalmente em <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2345-boletim-n-31-cientistas-sociais-e-o-coronavirus>;

✚ Fagner Carniel republicou no site AntropoLÓGICAS Epidêmicas o texto “Covid-19 e os desafios de um mundo mais solidário”, disponível em

<https://www.antropologicas-epidemicas.com.br/post/covid-19-e-os-desafios-de-um-mundo-mais-solidario>>; e

- ✚ Olivia von der Weid colaborou para o dossiê “Reflexões na pandemia” da *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, com a publicação do texto “‘A escolha de Sofia’? Covid-19, deficiência e vulnerabilidade: por uma bioética do cuidado no Brasil”, disponível em <https://www.reflexpandemia.org/texto-36>>.

Dois desses trabalhos de membros deste Comitê foram republicados também na versão em inglês para a [Somatosphere](#)¹ e a [One Page](#)², esta última pertencente ao Center for Brazil Studies da Universidade de Oklahoma, Estados Unidos.

Outro destaque foi a atuação de membros desse Comitê em diversas atividades na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia (32ª RBA), ocorrida em meio virtual entre os dias 30 de outubro a 06 de novembro de 2020:

- ✚ Adriana Abreu Magalhães Dias (Unicamp) e Fagner Carniel (UEM) coordenaram, na manhã dos dias 01/11 e 03/11, o SE 04 – “Acessibilidade e prática antropológica, da formação ao campo, em eventos científicos e exposições” e, ainda, o GT 43 – “Etnografias da Deficiência” entre os dias 04 e 06/11, à tarde. Ainda, Pedro Lopes apresentou o trabalho “Não se nasce mulher...” e gay, deficiente ou trans? Como ou quando alguém se torna “diferente”?” nesse GT 43.
- ✚ Anahí Guedes de Mello (UFSC) e Olivia von der Weid (UFF) coordenaram o SE 030 – “Viver com deficiência: corpos, sentidos e a produção de modos

¹ São os textos “Intimate connections and singular embodiments: disability in times of the Covid-19 pandemic”, publicado por Helena Fietz, Anahí Guedes de Mello & Claudia Fonseca e disponível em <http://somatosphere.net/2020/intimate-connections-singular-embodiments.html>>; e “What the experience of Covid-19 tells us about disability, work, and accessibility”, publicado por Bernardo Oliveira, Daniela Navarini & Valéria Aydos e disponível em <http://somatosphere.net/2020/covid-disability-work-accessibility.html>>.

² Fietz Helena; Mello Anahí G.; Fonseca, Claudia. “Intimate connections and singular embodiments: disability in times of the COVID-19 pandemic”. *One Pager* n. 12, 2020. Norman, OK: Center for Brazil Studies at the University of Oklahoma. Disponível em: <https://www.ou.edu/content/dam/International/brazil-studies/docs/one-pager-12.pdf>>.

de existência”, dividida em três sessões que também contaram com a presença de membros do Comitê. Helena Fietz (UFRGS) e Valéria Aydos (UFRGS) participaram como palestrantes da sessão 1 – “Viver com deficiência: tecnologias, políticas e cuidado”, que também contou com a participação da professora Patrice Schuch (UFRGS) como convidada do Comitê, tendo a professora Claudia Fonseca (UFRGS) atuado como debatedora. A sessão 2 – “Percepções, poéticas e sentidos: modulações corporais nas deficiências” teve novamente a participação de Olivia von der Weid (UFF) e da professora Arheta Ferreira de Andrade (Instituto Benjamin Constant, RJ) e do professor Leonardo Carbonieri Campoy (PUC-PR) como convidados. Viviane Vedana (UFSC) atuou como debatedora dessa sessão. Por último, Anahí G. Mello (UFSC) compôs com as convidadas Camila Alves (UFF) e Rita Louzeiro (Abraça) a tríade de mulheres com deficiência desde seus “lugares de fala” na 3ª sessão – “Diversidades corporais e construção de conhecimento”, dedicada ao diálogo com os movimentos sociais, tendo a professora Marcia Moraes (UFF) como debatedora convidada.

- ✚ Anahí Guedes de Mello (UFSC) coordenou com Fabiene Gama (UFRGS; Comitê de Antropologia Visual da ABA), Nelson Filice de Barros (Unicamp, Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina) e Gustavo Raimondi (UFU, Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas) a OF 04 – “Oficina de Autoetnografia”, em três sessões pela manhã nos dias 31/10, 01/11 e 03/11. Anahí e Gustavo defenderam tese de doutorado sobre autoetnografia, tendo ambos recebido em 2020 Menção Honrosa do Prêmio Capes de Tese 2020 nas áreas de Antropologia e Saúde Coletiva, respectivamente.

Destacamos, a seguir, a atuação do Comitê na Comissão Organizadora da 32ª RBA, em especial a participação de Olivia von der Weid, Anahí Guedes de Mello e Clarice Rios na Subcomissão Local de Acessibilidade.

Acessibilidade na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia

A Subcomissão de Acessibilidade, sob a coordenação da professora Olivia, trabalhou intensamente na 32ª RBA para ampliar as formas de acesso às diferentes atividades do evento, buscando superar, principalmente, as barreiras tecnológicas e comunicacionais e se deslocar de uma perspectiva da acessibilidade como uma demanda individual e circunscritas aos corpos deficientes. Além dos recursos técnicos que foram disponibilizados, as iniciativas também visaram diversificar os padrões corporais que regem as interações no ambiente virtual, produzindo práticas de acesso que se refiram a todas e todos.

Apresenta-se a seguir o cenário de trabalho e as estratégias que foram desenvolvidas para acessibilidade na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. Até março de 2020 a RBA seria um congresso presencial que aconteceria na UERJ. A subcomissão local de acessibilidade vinha se reunindo presencialmente desde setembro de 2019 para o planejamento das ações de acessibilidade, num primeiro momento com foco na superação das barreiras arquitetônicas. Em função do contexto trazido pela pandemia da Covid-19 e de todas as adaptações decorrentes, nos encontramos na circunstância de realização virtual da 32ª RBA e diante do desafio de superar barreiras tecnológicas e comunicacionais para garantir o acesso de pessoas com condições corporais diversas ao ambiente virtual. O trabalho da subcomissão de acessibilidade objetivou diminuir tais barreiras recomendando a adoção de estratégias e recursos de acessibilidade e também buscando articulações através de parcerias interinstitucionais que viabilizassem tais ações.

Diante do cenário pandêmico que se apresentou, a Subcomissão de Acessibilidade, bem como a Comissão Organizadora da 32ª RBA, teve quatro meses de trabalho para mobilizar parcerias, criar articulações e propor uma série de estratégias para enfrentar um contexto inteiramente novo e desafiador, contornar limitações de recursos e tornar uma RBA virtual viável e mais acessível. Mantivemos como princípio de trabalho atuar no sentido de acessibilizar os materiais disponibilizados no evento e o próprio ambiente virtual buscando dialogar com a perspectiva do direito de acesso à todos e todas, considerando a diversidade de condições corporais dos participantes do encontro por meio de formulário preenchido no ato da inscrição com indicativo dos recursos de acessibilidade necessários para garantir a ampla participação dos inscritos com deficiência ao evento. Sabemos, porém, que a integralização desta intenção

consiste num grande desafio, é processual e envolve a construção e ampliação de práticas e cultura mais inclusivas visando a expansão dos padrões corponormativos e a diversificação das interações nos ambientes acadêmicos, virtuais ou não, contemplando diferentes formas de estar no mundo e de aprender. O diferencial da 32ª RBA é que o contexto da pandemia, além de trazer desafios, trouxe também a oportunidade de avançarmos em algumas áreas da acessibilidade que havíamos avançado menos até então, especialmente a acessibilidade comunicacional e cultural e a acessibilidade atitudinal.

Destacamos duas características que orientaram o trabalho da subcomissão, que pode ser interessante retomar nos eventos futuros. A primeira é o trabalho ter sido realizado em rede, de forma colaborativa, horizontal, descentralizado em núcleos, por vezes duplas, que foram atuando de forma autônoma, mas sem perder a prática da comunicação interna. A segunda é a articulação do trabalho da acessibilidade com outras subcomissões de organização do evento, entre elas destaca-se a subcomissão de comunicação, informação e tecnologia, a subcomissão de monitoria, a subcomissão de atividades artístico-culturais, a subcomissão de isenção e a comissão do prêmio Pierre Verger, além da parceria interinstitucional com a Anpocs e a UERJ para a realização da contracartilha da acessibilidade, entre tantas pessoas que, através destas articulações, se envolveram direta ou indiretamente no trabalho da acessibilidade.

Temos a clareza de que, se conseguimos avançar, foi porque as pessoas que se envolveram, de forma direta ou indireta, com o trabalho da acessibilidade assumiram a responsabilidade que esta prática nos convoca, ou seja, buscaram criar respostas para os ambientes e as relações que estavam sendo produzidas no contexto de virtualização da RBA. Para isso muita gente se engajou, dedicando horas e horas do seu tempo e da sua energia, de forma completamente voluntária, para tirar as coisas do plano normativo ou ideal e efetivamente colocá-las em prática, encontrando arranjos possíveis.

Enquanto Comitê Deficiência e Acessibilidade, tomamos como princípio que estruturou nossas ações a acessibilidade compreendida sob três perspectivas:

1) **O uso de recursos normativos** - para superar as barreiras comunicacionais e tecnológicas;

2) **O desenvolvimento de uma perspectiva estética de acessibilidade**, que parte do pressuposto que as diferenças das deficiências são potencialidades singulares que convidam à ampliação dos parâmetros sensíveis e poéticos da realidade. Essa

aproximação esteve mais direcionada às iniciativas de acessibilidade cultural, onde foram desenvolvidas poéticas de acesso que nasceram junto com as obras, na conversa com curadores, gerando materiais q ampliam as possibilidades de uma experiência artística entre pessoas com condições corporais diversas;

3) **A acessibilidade atitudinal**, pelo fomento de uma cultura do acesso ou “*ethos* da acessibilidade” em ambientes acadêmicos, saindo da perspectiva da acessibilidade como algo relativo às pessoas com deficiência e investindo na convocação de mudanças de atitude e de comportamento por todas as pessoas. Detalhamos a seguir as ações desenvolvidas em cada um desses três direcionamentos.

Recursos técnicos e normativos

Apresentamos na tabela seguinte os recursos técnicos e normativos de acessibilidade que foram utilizados, seja através de contratação de serviços profissionais que oferecem acessibilidade (audiodescrição, legendagem, tradução para Libras), seja através da realização de parcerias interinstitucionais.

Recursos técnicos	Unidades
Estenotíпия	30 horas
Audiodescrição profissional – fotos	55 fotos
Audiodescrição profissional - filmes	4 filmes
Legendagem	235 minutos
Libras (atividades síncronas) equipe intérpretes UFG contratação (14h) total	12h 16h 28 horas
Libras (atividades assíncronas) – equipe intérpretes UFG	6 horas
Libras (pacote vídeos divulgação redes sociais)	50 minutos
Libras (textos curatoriais)	15 laudas
Contracartilha (ABA-ANPOCS-UERJ)	Libras vídeos
Locução conferências internacionais (Mundaréu)	5 horas

Parcerias realizadas:

- Instituto Benjamin Constant: 1) audiodescrição profissional de 20 fotografias das exposições “As Duas Vidas do Museu Nacional, um ensaio fotográfico de Cristiano Mascaro” e “Claudia Andujar: a luta Yanomami”; e 2) orientações técnicas para audiodescrição;
- Curso de Libras da UFG: Libras ao vivo (12 horas) em várias atividades, bem como interpretação e tradução para Libras dos vídeos pré-gravados das conferências;
- Podcast Mundaréu: locução das conferências internacionais; e
- UERJ para a parceria com: 1) o CTE para a edição dos vídeos da contracartilha da acessibilidade; e 2) a COMUNS para a revisão textual da contracartilha da acessibilidade.

Acessibilidade estética nas exposições e prêmio Pierre Verger

A atuação da Subcomissão de Acessibilidade, através das membras Olivia von der Weid e Clarice Rios, junto às exposições da 32ª RBA propôs estratégias e recursos de acessibilidade que visavam a expansão dos meios de acesso às obras e a diversificação das interações. Aproveitamos para evidenciar algumas especificidades do campo da acessibilidade estética que julgamos importantes. Cada material artístico pede um recurso de acessibilidade específico, pensado na articulação com a diversidade corporal dos distintos públicos, na especificidade dos materiais e nos meios de compartilhamento da obra (em nosso caso, meios tecnológicos virtuais). Assim, observando as características dos materiais artísticos que circularam na 32ª RBA, encontramos fotos, áudios, vídeos, filmes. Buscamos contemplar cada um destes materiais acessando recursos técnicos e proposições estéticas, em ao menos uma parte de cada exposição. Como conceito e procedimento de nossos trabalhos a acessibilidade estética nas exposições foi desenvolvida em duas dimensões:

1. O uso de recursos normativos de acessibilidade, tais como: a audiodescrição profissional de um conjunto de imagens selecionadas das exposições “As duas vidas do Museu Nacional, um ensaio fotográfico de Cristiano Mascaro” e “Claudia Andujar: A luta Yanomami”, feita em parceria com a equipe de audiodescritores do Instituto Benjamin Constant; a tradução e interpretação para

Libras dos textos curatoriais de todas as exposições; a audiodescrição profissional e a tradução e interpretação para Libras do vídeo-instalação da exposição Ogbón; a transcrição e legendagem de materiais sonoros em todas as exposições; audiodescrição profissional e legendagem dos filmes premiados do Prêmio Pierre Verger e audiodescrição profissional de um conjunto de 35 fotografias dos ensaios selecionados para a Mostra; e

2. O fomento da acessibilidade em uma perspectiva estética, desenvolvendo poéticas de acesso que nasceram junto com as obras, na conversa com os curadores, gerando em todas as exposições materiais que ampliam as possibilidades de uma experiência artística entre pessoas com condições corporais diversas.

O entrelaçamento do campo da acessibilidade com o campo cultural e artístico por meio das exposições mostrou-se extremamente fértil, no sentido de promover a diversificação em nossos modos de perceber e comunicar as imagens. Recomenda-se que os materiais culturais acessíveis produzidos, tanto no âmbito das exposições ligadas aos comitês quanto no âmbito do Prêmio Pierre Verger, sejam amplamente divulgados por meio de mostras itinerantes e nos próprios canais virtuais da ABA, para que sejam utilizados para fins pedagógicos e culturais nas universidades, museus e, de forma mais ampla, na sociedade.

Acessibilidade atitudinal

Tornar um evento acessível não é apenas criar ajustes destinados a determinados grupos visando a inserção destes nas atividades realizadas. Antes, é pensar que as nossas interações e relações se dão com uma pluralidade de existências e de experiências, que dizem respeito a corporalidades e formas de estar no mundo atravessadas por categorias de deficiência, mas também diferenças e desigualdades. É preciso lembrar que, nem sempre, estas diversidades compartilham os mesmos referenciais de comunicação, troca ou, ainda, dispõem das mesmas formas de acesso ao que se é discutido. As ações desenvolvidas nesta direção partiram do entendimento de que a acessibilidade é uma prática que pressupõe o deslocamento dos parâmetros corporais, cognitivos e normativos das interações, na expectativa de que o encontro com

as diferenças das deficiências promova a diversificação das formas de interagir, comunicar, perceber, tocar e se deslocar, seja em ambientes virtuais ou presenciais.

A acessibilidade foi aqui pensada como modo de criar vínculos entre pessoas corporalmente diversas, o que significa tencionar as lógicas normativas que sustentam nossos modos de organização e interação nos eventos virtuais e acadêmicos. Para promover a acessibilidade atitudinal apostamos na produção de materiais de cunho pedagógico-político com o intuito de promover a reflexão e o deslocamento das formas normativas que regulam os ambientes e as interações. Investimos ainda na criação de encontros e na adoção de práticas de acessibilidade por um público mais amplo, que provocassem a experiência de transformação e ampliação dos padrões normativos – perceptivos, cognitivos, comunicacionais, corporais – a partir da relação com as diferenças de pessoas com deficiência e seus modos singulares de existência. Acessibilidade é um caminho em permanente construção que exige de todos nós - pessoas com e sem deficiência - mudanças de comportamento e deslocamento de certos hábitos fundados nos padrões socialmente arraigados que organizam nossas relações. Um trabalho que acontece no fazer, pelas práticas de envolvimento e transformação. Com esse intuito, destacamos as seguintes ações realizadas:

- ✚ Produção de material instrucional sobre práticas de acessibilidade em ambientes virtuais para orientar a formação dos monitores, também disponibilizado via site do evento para todos os participantes, através do link <https://www.32rba.abant.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3395>; e
- ✚ Produção de material multimídia de caráter pedagógico e político sobre acessibilidade em ambientes virtuais a partir da perspectiva dos corpos múltiplos, intitulado “Contracartilha de acessibilidade: reconfigurando o corpo e a sociedade”, em parceria interinstitucional com o Comitê Deficiência e Acessibilidade da Anpocs e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O material se encontra disponível em: <https://www.32rba.abant.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=563>.

A acessibilidade atitudinal também se materializou por meio do engajamento de uma série de pessoas alheias ao campo da deficiência em práticas de acessibilidade, atingindo uma rede ampliada de pessoas que se envolveram na construção de ambientes

mais acessíveis. Produzimos materiais especificamente voltados para acessibilidade em atividades acadêmicas virtuais, que abordam a temática pelo viés do modelo social, com enfoque nas barreiras e não tanto nas especificidades de cada deficiência. A ênfase maior foram as barreiras atitudinais, além das barreiras comunicacionais e tecnológicas. Os materiais foram produzidos em parceria interinstitucional ABA-Anpocs e contou com o apoio de grupos de pesquisas que trabalham com a temática da deficiência e da acessibilidade (Anis – Instituto de Bioética, Conatus e NACi).

A contracartilha conta com imagens, desenhos e figuras mescladas com texto, tornando a informação mais direta e objetiva. Contém links que direcionam o leitor interessado para conteúdos e materiais já produzidos por outras iniciativas, desdobrando dimensões conceituais que aprofundam o debate. Ela contém ainda hiperlinks para material próprio produzido em formato audiovisual e acessível. Os Comitês Deficiência e Acessibilidade da ABA e da Anpocs, por meio dos pesquisadores Anahí Guedes de Mello (UFSC), Marco Antonio Gavério (UFSCar), Olivia von der Weid (UFF) e Valéria Aydos (UFRGS), assumiram a pesquisa e a redação e contaram com a parceria da UERJ na parte de revisão de texto e edição dos vídeos³ complementares à contracartilha da acessibilidade. Para além da circulação no contexto localizado do evento, a proposta foi que o material ficasse como um legado disponível para a comunidade acadêmica e para o público mais amplo nesse momento tão ímpar de virtualização das interações e implementação, em caráter emergencial, do ensino remoto.

É importante ressaltar, no âmbito das ações de acessibilidade atitudinal, o produtivo diálogo transversal que a Subcomissão de Acessibilidade criou com outros comitês da ABA durante a organização da RBA, em especial com o Comitê de Antropólogxs Negrxs, onde o vídeo-instalação Ógbon, a partir do diálogo com a subcomissão local de acessibilidade, abordou a interseccionalidade entre as questões raciais e deficiência; e com o comitê de Cidadania, Violência e Gestão Estatal a partir dos efeitos que as trocas com a Subcomissão de Acessibilidade tiveram para a exposição “Em luta”.

³ Com participação de Marco Antônio Gavério <<https://www.youtube.com/watch?v=sEoUtirXmRU>>; de Arheta Andrade <<https://www.youtube.com/watch?v=XmD8v9p07hg>>; de Dienuza Costa e Valéria Aydos <<https://www.youtube.com/watch?v=HbcyKqx-cdo>>; de Camila Alves <<https://www.youtube.com/watch?v=IPTXjnXHMil>>; e de Anahí Guedes de Mello <<https://www.youtube.com/watch?v=Z52cRxbSwo8>>.

No Prêmio Pierre Verger, pela primeira vez na história das RBAs a mostra de filmes etnográficos contou com audiodescrição dos três filmes premiados. Os 20 ensaios fotográficos contaram com audiodescrição profissional de 1 a 2 fotos por ensaio e a descrição ou legendagem das demais imagens realizadas pelos próprios autores dos ensaios, a partir de orientações da equipe de audiodescritores do Instituto Benjamin Constant e diretrizes produzidas pela subcomissão de acessibilidade, o que significou o engajamento direto de uma ampla rede de pessoas. Com a participação e o envolvimento de todas e de todos na prática de criar acesso apostamos na qualidade relacional e humana da acessibilidade, assim como na ampliação da experiência do acesso às imagens por pessoas com e sem deficiência.

Um fértil diálogo também se abriu entre as subcomissões de Acessibilidade e de Comunicação, Informação e Tecnologia, que ganhou um papel central na organização da 32ª RBA virtual. Os integrantes dessa subcomissão se envolveram diretamente no trabalho da acessibilidade ao facilitar parcerias interinstitucionais para promover o acesso comunicacional às conferências internacionais e às atividades que integraram a programação aberta do evento, como a parceria firmada com a equipe de intérpretes do curso de Libras da UFG e a parceria realizada com o Podcast Mundaréu para a realização da locução em português das conferências internacionais.

Temos clareza que ainda há muito a ser feito, não só em termos normativos, mas também relacionais, na direção de Reuniões Brasileiras de Antropologia mais acessíveis para corpos múltiplos. Esse é um caminho que se faz caminhando, entre tentativas, tropeços e acertos. Um campo que ainda é preciso avançar bastante é promover a acessibilidade tecnológica dos sites da ABA e da RBA. Esperamos que, com a possível criação de um comitê voltado para Comunicação na próxima gestão da ABA e a indicação da acessibilidade como eixo transversal a este novo comitê, haja avanços neste sentido. Recomendamos acessibilizar os materiais audiovisuais que porventura forem disponibilizados no pós-evento. O contexto de virtualização da 32ª RBA certamente promoveu a maior participação de pessoas com deficiência em nosso encontro bianual, já que muitas pessoas com deficiência têm condições corporais que, na interface com as barreiras sociais, econômicas e ambientais, podem ser impeditivas ou dificultar sua participação nos eventos presenciais. Neste sentido, recomendamos a realização de um evento híbrido (presencial e virtual) na próxima RBA decisão que, caso seja adotada, contribuirá para promover a ampliação da participação de pesquisadores com deficiência no evento.

Ainda, a produção de acessibilidade em eventos acadêmicos, com destaque para as parcerias com instituições, associações e agentes locais das cidades-sedes contribuiu, por ocasião da elaboração da contracartilha da acessibilidade, para a criação do Núcleo de Acessibilidade no âmbito da UERJ e de um Grupo de Trabalho no âmbito da prefeitura de Caxambu, Minas Gerais, para o debate sobre pautas trazidas por pessoas com deficiência nessa cidade. Também houve um interesse da força-tarefa da Covid-19 da Unicamp em incorporar as recomendações da contracartilha em seu cotidiano de atuação.

Sabemos que a acessibilidade é uma luta de longa data que vem sendo travada por muitas pessoas no campo da antropologia. Avançamos juntos e acreditamos que este é um caminho sem volta, justamente por ter tocado e inaugurado marcas em muitas pessoas. O relato minucioso e detalhado aqui realizado das atividades desenvolvidas pela subcomissão de acessibilidade no âmbito da 32^a RBA é uma aposta na direção da continuidade e ampliação deste movimento. A acessibilidade, para que realmente aconteça, precisa ser feita na transversalidade com outros grupos - e este é um dos desafios de quem realiza o trabalho - a capacidade de articulação, diálogo e colaboração com outras pessoas, no entendimento de que a acessibilidade é uma responsabilidade que, cada vez mais, deve ser assumida, como uma prática transformativa, por todas e todos. Nesse sentido finalizamos fazendo um agradecimento especial à diretoria da ABA na gestão de 2019-2020 por terem assumido conosco essa responsabilidade na 32^a RBA, não só pela viabilização de significativo aporte financeiro para os recursos que não puderam ser cobertos pelas parcerias, mas também, principalmente, pelo inestimável e igualmente significativo apoio institucional, por terem se aberto à transformação que a acessibilidade nos convoca e pelo reconhecimento público e validação do trabalho da subcomissão de acessibilidade ao longo de todo o percurso de realização do evento.

Posicionamentos políticos do Comitê

Para as lives e webinários realizados a partir do ano de 2020, ressaltou-se tanto a importância dos eventos organizados pelo Comitê ou que contaram com presença de membros do Comitê (com indicativo de continuidade para esta atividade), quanto o esforço de difusão de uma cultura de acessibilidade conforme os membros do Comitê adotem práticas de acessibilidade nas lives e webinários que participaram, por exemplo,

a prática da autodescrição. Outro desafio é que esse Comitê ainda precisa e deve aprofundar a sua diversidade regional e de linhas teóricas, em particular em relação à participação das regiões Norte e Nordeste.

Debora Diniz criou, no final de março de 2020, quando a pandemia de Covid-19 começou a avançar no Brasil, o perfil de Instagram @reliquia.rum (em alusão à palavra relicário em latim), publicando diariamente textos e imagens que buscam homenagear mulheres mortas na pandemia. Os textos são criados a partir de notícias sobre mulheres comuns, anônimas em sua maioria, vitimadas pelo coronavírus. As ilustrações são feitas pelo artista visual Ramon Navarro com colagens sobre fotografias antigas de mulheres também anônimas. A ideia do @reliquia.rum nasceu da inquietação com a morte que tem assolado multidões, transformadas em números, despidas de biografias. O perfil usa a imaginação para um exercício político e coletivo de luto, ao direito de sentir a perda, com atenção às desigualdades que precarizam vidas. Entre as postagens do perfil estão listadas mortes de meninas e mulheres com deficiência.

Membros do Comitê Deficiência e Acessibilidade também se engajaram na produção ou apoio de oito notas, a saber:

- ✚ [“Nota do Comitê Deficiência e Acessibilidade, e demais signatários, de repúdio à extinção do Conselho Nacional dos Direitos da pessoa com deficiência \(CONADE\)”](#);
- ✚ [“Nota do Comitê Deficiência e Acessibilidade de repúdio pela retirada da ação de reparação de direitos violados por zika”](#);
- ✚ [“Nota de repúdio à declaração de juiz do Tribunal Regional Eleitoral do Pará”](#), em parceria com o Coletivo Feminista Helen Keller de Mulheres com Deficiência;
- ✚ Apoio do Comitê Deficiência e Acessibilidade à nota sobre [“A reforma da previdência \(PEC nº 6/2019\) e os graves prejuízos impostos às pessoas com deficiência”](#), elaborado pela Rede Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Rede-In);
- ✚ Apoio do Comitê Deficiência e Acessibilidade ao [“Manifesto do movimento de luta das pessoas com deficiência contra o Projeto de Lei 1615/2019, que passa a considerar pessoas com visão monocular como pessoas com deficiência”](#);

- ✚ Nota de esclarecimento do Comitê Deficiência e Acessibilidade da ABA a respeito da subscrição ao Manifesto de Pessoas com Deficiência contra o PL 1615/2019⁴;
- ✚ [“Nota de apoio do Comitê Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia ao IFBr-M como modelo biopsicossocial da deficiência”](#); e
- ✚ Apoio à [nota “Todas as vidas importam”, que versa sobre o risco de exclusão ilegal no atendimento a pessoas com deficiência durante a pandemia da Covid-19.](#)

Organização de eventos, entrevistas e atuação articulada junto a outros comitês e redes

- ✚ Valéria Aydos e Helena Fietz organizaram, entre os dias 21 e 22 de novembro de 2019 e no âmbito do PPGAS/UFRGS, o minicurso “Antropologia e Deficiência: pesquisas, escritas e métodos”. O minicurso contou com a participação de Anahí Guedes de Mello e Ana Cristina Cypriano Pereira (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS) como convidadas e teve como objetivo abordar epistemologias, formas de escrita e métodos de pesquisa que levem em consideração a deficiência e suas interseccionalidades em suas dimensões analítica e experiencial;
- ✚ Debora Diniz participou em 25/07/2020, Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e caribenha, da live “A poética do não ver: o luto em tempos de pandemia”, baseada em uma conversa com Deborah Prates”, ativista feminista cega, sobre mulheres, pandemia, inclusão, deficiência e ver-não ver a dor do outro;
- ✚ Anahí Guedes de Mello e Helena Fietz coordenaram, durante o VI Simpósio Gênero e Políticas Públicas, o GT 07 “Gênero, Deficiência e Políticas Públicas”. O evento ocorreu em plataforma virtual, entre os dias 28 de setembro e 1º de outubro de 2020, sendo uma realização da Associação

⁴ Por ter sua origem em manifestação individual, não houve necessidade de publicizá-lo no site da ABA, sendo endereçado apenas à Presidência da ABA (gestão 2019-2020).

Brasileira de Ciência Política (ABCP) e o Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Ainda, em 29/09 Anahí atuou como uma das palestrantes convidadas do “Painel 1: Avaliação de Políticas Públicas de inclusão e direitos reprodutivos”; e Valéria apresentou o trabalho “Saberes biomédicos e interações neurodiversas na coprodução diagnóstica do autismo em mulheres: Interseccionalidades entre deficiência, gênero, raça e classe social na busca por direitos”;

✚ Anahí Guedes de Mello, coordenadora do Comitê Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia, passa a integrar como membro brasileiro do *GT Estudios Críticos en Discapacidad do Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO)*, para a gestão 2019-2022. O GT é composto por um total de 49 pesquisadoras e 11 pesquisadores pertencentes a diversas instituições universitárias na América Latina;

✚ Anahí Guedes de Mello e Olivia von der Weid, membros do Comitê Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia, também integraram o GT Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) na gestão de 2019-2020. O GT é composto por pesquisadores de diversas instituições acadêmicas brasileiras vinculados ao campo da Saúde Coletiva;

✚ Anahí Guedes de Mello, Fagner Carniel e Valéria Aydos, membros do Comitê Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia, também integraram o Comitê Deficiência e Acessibilidade da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais na gestão de 2019-2020. O Comitê Deficiência e Acessibilidade é composto por pesquisadores de diversas instituições acadêmicas brasileiras vinculados ao campo das Ciências Sociais;

✚ Valéria Aydos, membro do Comitê Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Antropologia, concedeu entrevista para uma matéria que versa sobre políticas de cotas para pessoas negras, indígenas e com deficiência nas instituições de ensino superior. O foco da entrevista da referida

antropóloga é nas cotas para pessoas com deficiência. A matéria pode ser acessada neste link: <<https://ocorreipopular.com.br/2019/07/15/a-nova-ordem-ameacas-ao-direito-de-igualdade-poem-em-xeque-a-politica-de-cotas-no-brasil/>>;

✚ Olivia von der Weid organizou a live “À flor da pele: qualidades perceptivas na cegueira”, evento realizado com apoio do Departamento de Antropologia da UFF e veiculado na página do ICHF-UFF, com a participação de Josiane França e Wanda Silva, integrantes da coordenação executiva do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e com Baixa Visão. A live está disponível em: <https://www.facebook.com/pg/Parabolicamara.ichf/videos/?ref=page_interna>;

✚ Valéria Aydos organizou e coordenou, representando os Comitês Deficiência e Acessibilidade da ABA e Anpocs (gestões 2019-2020), o Colóquio 07: “Políticas Públicas e Deficiência: Categorizações, Avaliações e Legibilidade na Busca por Direitos”. Disponível em: <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=1169&impressao&printOnLoad>;

✚ O Laboratório de pesquisa CONATUS e o Departamento de Antropologia da UFF, por meio da atuação da professora Olivia von der Weid, membro deste Comitê, apoiaram a realização do VI Encontro Nacional do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e com Baixa Visão (MBMC), com o tema “Enfrentamento à Violência contra as Mulheres com Deficiência e Fortalecimento da Rede de Proteção”. O evento aconteceu na página de Facebook do ICHF-UFF entre os dias 16 e 18 de setembro de 2020;

✚ Olivia von der Weid organizou e participou do webinar “Cultura do acesso e acessibilidade em ambientes virtuais”, uma atividade do Comitê Deficiência e Acessibilidade da ABA em parceria com o CONATUS-UFF. O evento contou com a participação de pesquisadoras e especialistas na temática como Arheta Andrade, professora do IBC/RJ e doutora em Artes Cênicas (UNIRIO), com pesquisa sobre arte e surdocegueira; Margareth Olegário, professora do IBC/RJ e doutoranda em educação (PUC-Rio); Gislana Monte

Vale, professora e mestre em Avaliação de Políticas Públicas, compõe o GT Cultura Acessível CE e a coordenação executiva do Movimento Brasileiro de Mulheres Cegas e com Baixa Visão. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/Parabolicamara.ichf/videos/?ref=page_interna>;

✚ Valéria Aydos e Anahí Guedes de Mello organizaram e participaram, sob a mediação da primeira, do webinar “Acessibilidade em Ambientes Virtuais”, em uma atividade do Comitê Deficiência e Acessibilidade apoiada pela ABA. A atividade contou com a presença de usuárias e especialistas nessa temática, como Cida Leite (Inclusive Acessibilidade Produção Cultural), Georgea Fernanda Rodrigues (Inclusive Acessibilidade Produção Cultural) e Thalita Chagas Silva Araújo (UFBA). Carolina Branco e Julian Simões atuaram na transcrição ‘artesanal’, acessibilizando as falas para Anahí, que é pessoa surda. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=dKcp3nvvC3w&ab_channel=TVABA>;

✚ Anahí Guedes de Mello participou, em 17/09/2020, às 16h, do webinar “Imagens insurgentes: entre Arte e Antropologia”, a convite do Comitê de Antropologia Visual da ABA. A atividade contou com o apoio da UFRGS e da Anis – Instituto de Bioética e a mediação de Vitor Grunvald (NAVISUAL/UFRGS). Além de Anahí, também participaram Edgar Kanaykõ Xakriabá (antropólogo e fotógrafo), Helena Vieira (pesquisadora, transfeminista e escritora) e Milena Manfredini (cineasta e antropóloga). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3PEu0PbzcVA>>;

✚ Participação de Pedro Lopes em comentário na mídia, em matéria publicada em 18/03/2020 e assinada por Bernardo Machado, sobre “Covid-19, o trabalho doméstico e a pandemia da desigualdade”. Disponível em: <<https://bernardomachado.blogosfera.uol.com.br/2020/03/18/covid-19-e-trabalho-domestico-a-pandemia-da-desigualdade/>>;

✚ Participação dos membros Carolina Branco Ferreira, Julian Simões e Pedro Lopes em mesa redonda sobre “Pandemia na Roda: vulnerabilidades,

precariedades e desigualdades”, organizada de modo online em 31/08/2020 pelo Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Unicamp. O evento virtual também contou com Márcia Pereira Leite (UERJ), Lucas Freire (FGV), Juliana Berger Valente (Cuny Graduate Center of New York), Larissa Nadai (Departamento de Antropologia, USP) e Natália Corazza Padovani (Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Unicamp). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-y1mf6X-3mw&t=8323s&ab_channel=N%C3%BAcleodeEstudosdeG%C3%AAneroPAGU>;

- ✚ Participação dos membros Carolina Branco Ferreira, Pedro Lopes, Julian Simões e Anahí G. Mello em mesa redonda “Gênero e Diferença - Aula Aberta #15 - Corpo, diferença e deficiência: (novos?) desafios na pandemia”, organizada de modo online em 09/09/2020 pelo Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Unicamp, e o Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença (NUMAS), USP. O evento virtual foi mediado por Anna Paula Vencato (UFMG) e contou com a participação também de Marco Antônio Gavério (UFSCar). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aEYYpS2gNxY&ab_channel=NumasEx tens%C3%A3o>; e

- ✚ O VI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Antropología Social (VI Congreso ALA 2020), realizada em meio virtual entre os dias 23 a 28 de novembro de 2020, contou com a participação dos membros Anahí G. Mello, Adriana Dias e Fagner Carniel. Anahí G. Mello coordenou com Everton Pereira (UnB, Brasil) e Beatriz Miranda (17 – Instituto de Estudios Críticos, México) o Simpósio Temática “Antropología y Discapacidad: intersecciones y perspectivas en la America Latina”; e Adriana Días e Fagner Carniel participaram com María Alfonsino Angelino (Uner, Argentina), María Noel Míguez Passada (UdelaR, Uruguai) e Nádia Meinerz (UFAL, Brasil) da mesa redonda “Antropologias da Deficiência na América Latina”.